

A MAIS ESTIMAVEL ALFAIA DE HUMA CASA: A BIBLIOTECA DE D. JOÃO DE MENDONÇA, BISPO DA GUARDA

THE MOST VALUABLE JEWEL IN A HOUSE: THE LIBRARY OF DOM JOÃO DE MENDONÇA. BISHOP OF GUARDA

Maria do Carmo R. Mendes

Universidade da Beira Interior, Portugal

mcarmom@ubi.pt

ORCID | 0000-0002-4071-3764

RESUMO

No panorama artístico do Portugal dos séculos XVII e XVIII, os bispos foram dos principais actores cujo mecenato se encontra, em grande parte, ainda por estudar. Neste contexto, encontramos personas que, no seu tempo, se afirmaram pelo seu enorme intelecto e erudição: entre estas figuras, destaca-se D. João de Mendonça (1673-1736), bispo que governou a diocese egitaniense durante vinte e três anos e sete meses, e cujo legado é mormente associado aos Jardins do Paço Episcopal de Castelo Branco. Apoiando-nos na análise do inventário póstumo (1736), e no princípio *diz-nos o que lêes, dir-te-emos quem és*, iremos desvelar o conteúdo da sua extensa e valiosa biblioteca, a qual revela um homem com uma visão mundividente da existência humana.

PALAVRAS-CHAVE

Bispos | Guarda (Portugal) | Mecenato | Inventário | Biblioteca

ABSTRACT

In the artistic panorama of 17th and 18th century Portugal, the bishops are among the main actors whose patronage is still largely unstudied. In this context, we find people who were notable in their time for their enormous intellect and erudition. Among these figures is Dom João de Mendonça (1673-1736), the bishop who governed the diocese of Guarda for twenty-three years and seven months, and whose legacy is mainly associated with the Gardens of the Bishop's Palace in Castelo Branco. Based on the analysis of the posthumous inventory (1736), and following the principle 'tell us what you read and we will tell you who you are', we will present the content of his extensive and valuable library, which reveals a man with a wide-ranging view of human existence.

KEYWORDS

Bishops | Guarda (Portugal) | Patronage | Inventory | Library



Fig. 01. Retrato de D. João de Mendonça, século XVIII, autor desconhecido; óleo sobre tela; 121 x 89,7 cm; Museu Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo Branco (fot. de José Pessoa, 2000, Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), «www.matriznet.dgpc.pt»).

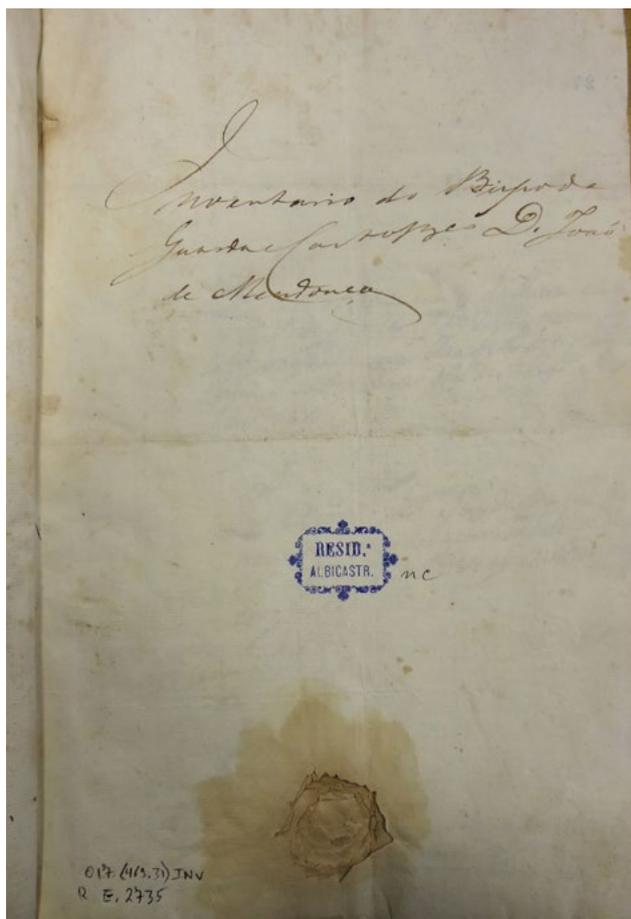


Fig. 02 Folha de rosto do *Inventário do Bispo da Guarda e Castelo Branco D. João de Mendonça*, 1736, autor desconhecido; manuscrito; Biblioteca Municipal de Castelo Branco (fot. da autora, 2014, Biblioteca Municipal de Castelo Branco (BMCB)).

D. JOÃO DE MENDONÇA: UM HUMANISTA NA MITRA EPISCOPAL EGITANIENSE

No âmbito da literatura impressa durante a Idade Moderna, e particularmente no período pós-Trento, observa-se que em Portugal e na sequência do movimento catequético massificado que se seguiu, algumas tipologias foram mais divulgadas que outras, nomeadamente as hagiografias, livros de oração e meditação (mormente focados na temática da Paixão de Cristo), livros de sermonária e manuais para confissão. A par destas, obras de autores como Santo Agostinho, São Gregório, São Boaventura, São Bernardo, Duns Escoto e São Tomás de Aquino permaneceram como referências, numa revalorização do pensamento escolástico.

Da época e em linha com o pensamento contra-reformista existem quatro autores que se destacam: o dominicano Frei Luís de Granada, o jeronimita Frei Heitor Pinto, o jesuíta Santo Inácio de Loyola e o Padre Manuel Bernardes. Sabe-se que estes autores figuravam em muitas bibliotecas, particularmente nas existentes nos conventos (MENDES, 2013: 35-37) e certamente nas eclesiásticas, embora estas últimas careçam de estudos que revelem os gostos e os hábitos de erudição dos bispos portugueses deste período.

Existe, contudo, para a diocese da Guarda, um caso exemplar de um inventário completo da biblioteca de um bispo: trata-se do antístite D. João de Mendonça (fig. 01), cujos bens foram inventariados exaustivamente, após o seu falecimento no Paço Episcopal de Castelo Branco a 02 de Agosto de 1736. O documento designa-se por *Inventario do Bispo da Guarda e Castelo Branco D. João de Mendonça*¹ (fig. 02), e o seu conteúdo foi superficialmente abordado por dois autores, Luís Pinto Garcia (GARCIA, 1978) e Pedro Rego da Silva (SILVA, 2014), em cujos estudos, e respectivamente, focaram essencialmente as colecções em geral e a Pinacoteca; no entanto, o conteúdo do inventário vai muito além da descrição dos bens, revelando-se um contributo sobremaneira importante para a compreensão do pensamento ideológico dos prelados deste tempo, aumentando exponencialmente quando se refere a um personagem tão relevante no contexto diocesano tridentino como foi D. João de Mendonça.

Aludindo à biografia de D. João de Mendonça, sabemos que nasceu em Estremoz a 12 de Junho de 1673, e que era o sexto filho de Lourenço de Mendonça, conde de Vale de Reis, deputado da Junta dos Três Estados, regedor das Justiças, Conselheiro de Estado, irmão de D. Rodrigo de Moura Teles² e de D. Maria de Mendonça.

Estudou Humanidades e Filosofia no Colégio de Santo Antão de Lisboa, prosseguindo os seus estudos na Universidade de Coimbra: em 1689 foi admitido como porcionista no Real Colégio de São Paulo, onde estudou Direito Canónico, tendo-se posteriormente doutorado em Cânones no ano de 1698, pela mesma Universidade. Ainda nesse mesmo ano, foi nomeado por D. Pedro II conductário com privilégios de lente. Em Junho de 1694 e no seguimento da nomeação do seu tio, D. Rodrigo de Moura Teles, para bispo da diocese egitaniense, foi indigitado para as funções de arcediogo na Sé da Guarda, cargo que manteve até Dezembro desse ano. Nesta última data assumiu as funções de tesoureiro-mor e

cónego da Arquidiocese de Évora (na altura governada pelo anterior bispo da Guarda, D. Frei Luís da Silva), ocupando o lugar que o seu tio D. Rodrigo tinha deixado vago na arquidiocese alentejana após a sua nomeação como prelado egitaniense (PAIVA, 2006: 500-501).

Em 1704 assumia as funções de deputado da Santa Inquisição de Coimbra, e em 1709 de Sumilher da Cortina do jovem rei D. João V. Em 1711 foi nomeado, por este monarca e após o falecimento de D. António de Saldanha, bispo da Guarda, dignidade confirmada pelo Papa Clemente XI a 30 de Janeiro de 1713. Tomou posse do bispado a 22 de Abril desse ano na pessoa do seu procurador, o Doutor Brás de Carvalho, e no mês seguinte fez a sua entrada solene na cidade da Guarda, dando logo início às visitas pastorais. Ausentou-se da diocese entre 1717 e 1720, na sequência da ida a Roma para a visita *ad sacra limina apostolorum*, cidade onde chegou no dia 13 de Novembro de 1717. Pelas suas qualidades e virtudes, o Papa Clemente XI nomeou-o prelado assistente do Sólido Pontifício, em breve datado de 18 de Maio de 1718. Por esta razão, residiu em Roma por mais dois anos (PAIVA, 2006: 500-501).

Retornou ao seu bispado em 1720, onde chegou a 23 de Agosto dando continuidade ao exercício das suas obrigações pastorais (MENDES, 2016: 135-142). Residiu grande parte do tempo no Paço Episcopal de Castelo Branco, espaço que, entretanto, reformulou e ao qual acrescentou o Jardim. Aqui, e na base da imagem de São João Baptista, podemos ler a inscrição: “Das mulheres não nasceu maior homem do que São João Baptista, ao qual, pregador do deserto, João, entre todos o mais humilde, dedicou este retiro no anno do Senhor de 1725, e 13º do seu episcopado” (GARCIA, 1978: 5)³. Faleceu a 2 de Agosto de 1736 com 63 anos de idade e após doença prolongada, tendo sido sepultado na igreja do Convento de Santo António⁴ da então vila, em conformidade com a última vontade expressa no seu testamento⁵.

1 Biblioteca Municipal de Castelo Branco (BMCB), *Inventário do Bispo da Guarda e Castelo Branco D. João de Mendonça*, cota B.B. 2735.

2 D. Rodrigo de Moura Teles foi bispo da Guarda entre 1694 e 1704, e arcebispo de Braga entre 1704 e 1728 (MENDES, 2016: 124-132).

3 Note-se que o autor Luís Pinto Garcia não transcreveu correctamente no seu livro a inscrição latina, que segue transcrita directamente por nós: «NON.SUR.INT.NAT.MVL.MAI.IOANNEBAPT=MAT=TH.XI:BXI:CUHNDESERTOPÆ.NIT.PRÆDICANTI=MAR.CI.AIV.IOANINT.OMNMI NIMHANC.SOLITUD.DANS.D.M.D.C.C.XXV.EP.SUIXIII».

4 Actualmente neste local situa-se o Estabelecimento Prisional de Castelo Branco.

5 O autor Luís Pinto Garcia, em finais da década de 70 do século passado, efectuou diligências no local para encontrar a lápide, sem sucesso: foi-lhe dito que, aquando da adaptação do edifício a quartel, foram encontradas umas ossadas, que foram trasladadas para o cemitério local, sem qualquer identificação. O múnus episcopal de D. João de Mendonça foi o segundo mais longo deste período, sendo o primeiro o do bispo que lhe sucedeu, D. Bernardo António de Melo Osório, prelado da Guarda durante 28 anos.

O inventário, executado após o seu falecimento, é composto pela seguinte relação de bens, elencados na seguinte ordem: *Botica e Medicamentos*, onde se inclui a *Botica Preciosa*; a *Biblioteca*; o *Numofilácio*, em cuja lista constam os *Artefactos de Prata* e os *Artefactos de Ouro*; a *Indumentária Religiosa*; a *Roupa*; a *Tapeçaria*; o *Calçado*; a *Mobília*; a *Mobília de Verga*; a *Louça*; os *Vidros*; a *Cerâmica*; a *Pinacoteca*;

as *Estampas*; os *Óculos*; a *Panóplia*; os *Artefactos de Estanho*; os *Artefactos de Cobre*; os *Artefactos de Arame*; os *Artefactos de Ferro*; o *Parque*; os *Animais de Tiro e de Sela*; a *Dispensa e Adega*; por fim, as *Dívidas*. Na totalidade, os bens inventariados foram avaliados em 30.065.185 réis (GARCIA, 1978: 61), um valor mesmo assim inferior à qualidade do espólio que o inventário descreve.

A ESTIMÁVEL BIBLIOTECA DE D. JOÃO DE MENDONÇA

Falecido D. João de Mendonça em Agosto, a arrolação do espólio da *Biblioteca* teve início em Outubro seguinte; o *Título da Biblioteca*, que se analisará de seguida, possuía um número considerável de obras para uma biblioteca particular – 2245 volumes impressos e manuscritos –, mas mais notável era a diversidade e conhecimento das temáticas, que englobavam Direito, Medicina, Cirurgia, Matemática, Geometria, Geografia, História, Numismática, Liturgia, Sermonária e Filosofia. Desde tratados de medicina e cirurgia dos séculos XVII e XVIII, hagiografias, livros referentes a concílios da Igreja Católica⁶, novenas, salmos, livros de doutrina, de horas e rituais, breviários e missais de várias procedências monásticas (principalmente dominicanos e beneditinos), tratados de ortografia e de redacção, gramáticas e dicionários de diversas línguas, tratados de botânica, álgebra, navegação, fortificação, farmácia, música, num universo de conhecimento onde não faltavam os clássicos – Ovídeo, Salústio, Suetónio, Aristóteles.

D. João de Mendonça tinha um enorme enlevo na sua *Biblioteca* – um enlevo que o contacto que teve com o ambiente eclético de Roma enriqueceu certamente. Tal é expresso pelo próprio de forma emotiva, aquando da declaração do seu testamento⁷, redigido por Frei António de Manteigas, frade capucho do Convento

de Santo António de Castelo Branco, religioso da sua inteira confiança. Datado de 1 de Janeiro de 1735, e com o bispo já acamado devido a “imfermidade muyto dilatada” (GARCIA, 1978: 61)⁸, inicia-o deixando expressa a sua profunda fé,

Considerando que já a minha vida sera de pouca duraçam Detreminei o meo Testamento, e em primeiro lugar persisto que sempre tive, e quero morrer na fee de christo, com a obediencia devida a Santa igreja Romana e encomendo minha alma a Deos Nosso Senhor que a criou e me valho do patrocinio da virgem Maria Nossa Senhora minha advogada por ser a mayor de todas as zeladoras, e do meo Anjo da Goarda, e dos mais santos meos advogados; a quem me custumo encomendar para que sua interceção e pelos mereçimentos do sangue de Nosso Senhor Jesus christo derramado para remirme alcancem huma verdadeira contriçám com a qual arrependido de meos inornes, e innumeraveis pecados [...] (GARCIA, 1978: 61),

afirmações que culminam com a afirmação do desejo de querer ser sepultado tendo o hábito de São Francisco como mortalha, vestido sob as vestes sagradas de bispo.

Para além da enorme quantidade de missas encomendadas após a sua morte – que deviam ser “ditas com

6 Como exemplo, constam na listagem do inventário do *Título da Biblioteca* obras como *Consilium Romanum* (sem referência a autor), *Consilium in causa maioratus Regiae Coronae Regni Lusitanae*, de Diogo de Brito, *Istoria vniuersale di tutti i concilij*, do bispo Marco Battaglini, e *Historia do Consilio Tridentino*, da autoria do cardeal Pietro Pallavicino.

7 O testamento de D. João de Mendonça, que abre o *Livro de Inventário do Bispo da Guarda e Castelo Branco D. João de Mendonça*, foi o único documento transcrito pelo autor Luís Pinto Garcia.

8 O bispo faleceu em Agosto do ano seguinte, revelando que, de facto, padecia de doença severa e prolongada.

a mayor brevidade possível” (GARCIA, 1978: 62) -, a relação dos restantes bens testamentados é extensa e representativa do faustoso espólio entre o qual D. João de Mendonça vivia; tendo sido herdeiro do seu tio e padrinho D. Rodrigo de Moura Teles, falecido em Braga em 1728, deste recebeu, para além de toda a sua biblioteca particular (vontade que D. Rodrigo expressou no seu testamento),

A meu sobrinho e afilhado o Illustrissimo Bispo da Goarda João de Mendonça a quem amo muito cordialmente, e estimo não fes ser por meu sobrinho e afilhado, mas por seu exemplar procedimento Letras virtude, pello que desejava mostrar a todos deste Testamento por autos e termos a minha grande afeição [...] lhe deixo [...] tambem o que toca a minha Livraria a qual lhe deixo assim em a forma que a ... (?) no meu Inventario numero dos Livros e a qualidade delles, e porque sei que o dito meu sobrinho o Illustrissimo João de Mendonça tem qualidade de Livros e pode muito bem ser que se dupliquem com estes que de novo lhe deixo [...] (MENDES, 2016: 219),

também recebeu de D. Rodrigo os pontificais e ornamentos, sendo que toda a prata e prata dourada pertencente aos dois foram, por D. João de Mendonça, no seu testamento legadas aos seus herdeiros – “Toda a prata dourada e nam dourada que tive do dito Senhor Arsebispo meo Tio pertencente aos pontificais deixo a meos erdeiros [...]” (GARCIA 1978, p. 62) -, e todo o remanescente deixou testamentado à Irmandade dos Clérigos Pobres do Hospital Real de Todos os Santos de Lisboa, da qual era irmão⁹. Entre as peças mais valiosas contam-se também uma relíquia do Santo Lenho, que legou à condessa D. Joana de Noronha, esposa do seu sobrinho e conde de Vale de Reis, Lourenço Filipe Nery de Mendonça e Moura, e uma outra com restos mortais das Beatas Teresa, Sancha e Mafalda, netas de D. Afonso Henriques, todas com “autenticas de Roma” (GARCIA, 1978: 62)¹⁰.

Contam-se também no testamento várias peças em ouro, prata e pedras preciosas e quantias consideráveis de dinheiro, que deixou de esmola não apenas

para aplicação na diocese e doações aos seus pobres (a exemplo, 40.000 réis para o Convento de Santo António de Castelo Branco e 50.000 réis para distribuir pelos pobres da então vila), mas também destinando-o para instituições eclesíásticas de Évora, Lisboa e Coimbra, valendo-se para este efeito dos 1.000 ducados de ouro a que tinha direito enquanto prelado assistente do Sólido Pontifício: para o Cabido de Évora “em signal do meu afecto e lembrança” (GARCIA, 1978: 63) deixou 200.000 réis, e para a Capela de São Brás da mesma cidade 30.000 réis; para a Irmandade de Nossa Senhora da Piedade da freguesia de São Paulo de Lisboa remeteu o valor de 50.000 réis; para Coimbra e para o Colégio Real de São Paulo da Universidade concedeu a quantia de 50.000 réis, e para a Capela de Santo António do Convento dos Olivais remeteu 30.000 réis, quantia esta que também deixou aos Colégios da Pedreira e da Estrela (GARCIA, 1978: 63).

Mas os bens referidos no testamento representam uma ínfima parte do património que postumamente foi inventariado, como se verifica nos títulos acima descritos; o enlevo de D. João de Mendonça pelos seus livros, uma vasta colecção enriquecida pelo legado do seu tio, D. Rodrigo de Moura Teles, de quem era muito próximo, reflecte-se nas palavras por si proferidas, como um dos seus bens mais valiosos,

[...] a minha livraria de que tenho catalogo excepto os livros dobrados dos quais se existirem no tempo do meu falecimento tambem tem catalogo separado não sendo dos mais volumosos he muito boa por ter livros muito bons e dos milhores, em todas as materias e feculdades, em todas as sinco linguas que custuma falar, e emtender milhor os homens doutos neste reino por ser uma livraria semelhante a milhor, e **mais estimavel Alfaia de huma casa**¹¹ [...] (GARCIA, 1978: 49),

e expressando a vontade de que a mesma permanesse na família, legou-a também ao seu sobrinho, o conde de Vale de Reis, Lourenço de Mendonça e herdeiros futuros, sob condições:

⁹ D. João de Mendonça era também irmão da Confraternidade das Províncias dos Religiosos de Santo António do Curral da Soledade e da Conceição.

¹⁰ As “autenticas” reportam-se às certidões de autenticidade que normalmente acompanhavam as relíquias, emanadas pela Cúria Pontifícia (*Dicastero delle Cause dei Santi - As relíquias na Igreja: autenticidade e conservação*. Em: <http://www.causesanti.va/it/documenti/as-reliquias-na-igreja-autenticidade-e-conservacao.html> [Acesso: 31-08-2022]).

¹¹ O **negrito** é nosso.

[...] deixo a meo sobrinho o excelentissimo Senhor Conde de Val de Reis Lourenço de Mendonça para si e seus sucessores da caza de Val de Reis vinculada na mesma caza e que nunca se possa alhear nem trocar nem ainda por pessoas de maior valor nem juros ou fazendas de grande rendimento nem tam pouco deminuir, mas se os sussesores na Caza a forem acrescentando com alguns livros como sera rezão que todos o façam quero que todos vam ficando anexos, e vinculados como parte asesoria icenta a sua parte principal [...] (GARCIA, 1978: 49).

Centrando-nos no inventário da *Biblioteca*, o termo do primeiro assento da avaliação é datado de 11 de Outubro de 1736, e teve lugar no Paço Episcopal, residência do falecido bispo. Estavam presentes Jacinto da Costa de Vasconcelos, corregedor da Comarca de Castelo Branco, os cônegos Diogo da Costa Feio Castelo Branco e António do Rego de Albuquerque e Figueiredo enquanto procuradores da Mitra episcopal, o procurador do conde de Vale de Reis, João Félix de Sousa, e os avaliadores nomeados pela mesma instituição e pelo procurador do conde, os advogados Pedro Furtado Ferro e João Nunes Leitão, respectivamente.

O imenso espólio livresco deixado por D. João de Mendonça justificou que a avaliação decorresse durante treze dias: iniciando-se no dia 11 de Outubro, os avaliadores e procuradores reuniram-se posteriormente nos dias 12, 13, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26 e 27 desse mês, tendo sido, no último dia, entregues os bens ao procurador do conde Lourenço de Mendonça, dando-se nesse momento por encerrada a arrolação da *Biblioteca*.

A análise dos 178 fólhos¹² que compõem o título da *Biblioteca* veio a revelar um precioso conjunto das melhores obras à época, algumas delas certamente adquiridas enquanto o prelado esteve em Roma, e que espelham um homem profundamente espiritual e intelectual. As *Constituições do Bispado da Guarda* e o *Regimento dos Auditórios Eclesiásticos* foram ava-

liadas logo no primeiro dia pela quantia de 1.500 réis, e entre obras de quarto e oitavo¹³ surgiram muitas cujo valor actual é incalculável: é o caso da *Historia Bizantina da Famillia dos Emparadores de Constantino-pla*, composta por um tomo avaliado em 10.000 réis, ou a obra de numismática *Bibliotheca nummaria sive auctorum qui de re nummaria scripserunt* do monge beneditino Anselmo Banduri, que o bispo, enquanto coleccionador, tinha em seu poder¹⁴, e a qual foi avaliada pela fabulosa quantia de 80.000 réis.

A mundividência é evidente: a *Biblioteca* era composta por livros de várias áreas de conhecimento que não apenas a religião; desta última, destacam-se as hagiografias em grande número, a exemplo, um tomo da *Vida do Biato João da Cruz*, avaliado em 200 réis, a *Vida de Sam Francisco de Paulla*, exemplar único avaliado em 480 réis, a *Vida de Nuno Alvares Pireira* em “hum tomo de folha”¹⁵ avaliado em 1.200 réis e o incontornável *Flos Sanctorum*, da autoria de Frei José de Santo António, obra de três tomos avaliada em 3.600 réis. A sermonária é também contemplada, representada entre outras pelos dois volumes dos *Sermois do Padre Quintal*, avaliados em 960 réis, e um conjunto apreciável de breviários, sendo de assinalar o *Breviario Bracarense*, em dois tomos avaliados em 1.600 réis e também os dois volumes do *Breviario da Ordem de São Bernardo*, avaliados em 1.200 réis.

Ainda no contexto religioso, destacamos as obras de carácter teológico, devocional e místico. Das primeiras, há que assinalar o *Stimulus Pastorum*, de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, uma obra com várias reedições à época (PAIVA, 2006: 140-141), assim como o conjunto de doze tomos da *Theologia dogmatica et moralis secundum ordinem catechismi concilii Tridentini*, de Alexandre de Natalis, obra avaliada em 22.000 réis, e os três tomos da *Opera Theologica* de Giacomo Tomasini, avaliados em 4.500 réis.

As obras de carácter devocional são outra peça valiosa deste espólio: para além das hagiografias já nomea-

12 Grande parte da numeração dos fólhos do *Inventario* não se encontra visível, pois na maior parte deles o número foi cortado para encadernação do volume.

13 Um livro *in folio* (em folha) é feito de folhas dobradas uma vez no meio, originando cada folha 4 páginas. A mesma folha, dobrada duas vezes, produz o formato *in quarto* (de quarto); a folha dobrada três vezes, origina o formato *in octavo* (em oitavo) (ANÓNIMO, 1890: 4-6).

14 A descrição da colecção de numismática de D. João de Mendonça é absolutamente fabulosa, composta por moedas de ouro e prata provenientes de todas as partes do mundo conhecido no século XVIII (Biblioteca Municipal de Castelo Branco (BMCB), *Inventario do Bispo da Guarda e Castelo Branco D. João de Mendonça - Título do Numofilácio*, s.f.).

15 Biblioteca Municipal de Castelo Branco (BMCB), *Inventario do Bispo da Guarda e Castelo Branco D. João de Mendonça*, s.f.

das, vários livros de oitavo tais como a *Ladainha de Nossa Senhora*, avaliado em 800 réis, a *Devossão de Santicimo Coração de Jesus*, “hum tomo em outavo”¹⁶ avaliado em 100 réis ou o *Exercício Devoto para visitar os passos*, pelo mesmo valor, são referências a apontar. Outras se destacam, se considerado o contributo para o pensamento da época e profusa divulgação: Santo Inácio de Loyola e os seus *Exercícios Espirituais* marcam presença na listagem pelo valor de 200 réis, assim como onze obras, não descritas, do já referido Padre Manuel Bernardes, um conjunto avaliado em 5.500 réis. Frei Manuel do Sepulcro e os dois volumes da sua *Refeição Espiritual* foram avaliados em 1.800 réis, e relativa ao tema da *ars moriendi*, caro ao espírito do tempo, surge o beneditino Frei António de Alvarado e a sua *Arte de Bem Morrer* em um tomo, avaliado em 100 réis. Por fim e em aura ascética, de referir o livro de Paulo Cardoso *Escada Mística de Jacob para subir ao Ceo da Perfeição*, “hum tomo em outavo”¹⁷ avaliado em 120 réis, e as indispensáveis obras de Santo Agostinho, *Confisois* e a *Mística Ciudad de Dios*, avaliadas por 200 e 360 réis respectivamente.

Também a História era, como já referido, um dos interesses de D. João de Mendonça, tendo especial relevo na sua *Biblioteca* várias biografias e crónicas de reis de Portugal, entre elas de D. Afonso Henriques, da autoria de José Pinto Pereira, de D. Fernando I, por autor não descrito, e de D. Sebastião, da autoria de D. Manuel de Meneses, assim como também relatos de além-mar, merecendo menção duas *Historia do Japam* (uma da autoria do “Padre Pinheiro” e outra da autoria do “Padre Gusmão”)¹⁸, avaliado o conjunto em 3.000 réis, uma *Historia do Maranhão*, da autoria do Padre Manuel Rodrigues avaliado em 1.200 réis e um exemplar da obra de Fernão Mendes Pinto *Peregrinaçam* avaliado em 1.000 réis. Outro exemplar avaliado, de referência obrigatória, é a *Historia Imperial e cesarea*, do espanhol Pedro Mexía, à qual foi atribuído o valor de 1.500 réis, e os onze tomos da *Historia da Academia Real de Bellas Letras*, avaliados em 9.000 réis; também a colecção completa e composta por sete tomos, da obra *Azia, Europa e Africa portuguezas*

da autoria de Manuel Faria de Sousa, fazia parte do espólio e foi avaliada em 8.000 réis, e dois volumes de uma *Historia de Portugal em Italiano*, avaliados em 1.800 réis. De Damião de Góis é referida a existência de um volume avaliado em 100 réis, embora não se descreva qual a obra¹⁹.

Como seria natural, também a bibliografia de âmbito eclesiástico fazia parte do espólio encadernado de D. João de Mendonça: para além do volume do *Seremónial dos Bispos*, avaliado em 600 réis, surgem também as *Memórias do Bispado da Guarda* em um tomo, da autoria do conhecido Manuel Pereira Leal, avaliado em 1.200 réis. Sobre o contexto jurisdicional, surgem alguns exemplares, nomeadamente os *Estatutos da Irmandade dos Clérigos Pobres*, da qual D. João era irmão, o *Compêndio e Estatutos da Companhia de Jesus*, em dois volumes em quarto avaliados em 1.600 réis, e os vinte e nove tomos do *Regimento da Bula da Cruzada*, avaliados em 28.000 réis.

A riqueza desta *Biblioteca* expressa-se também na qualidade da lista de Bíblias, destacando-se entre estas a *Bíblia Hebraica e Latina* avaliada em 9.600 réis. Outras obras literárias a referenciar são as *Histórias do Futuro* do Padre António Vieira, pelo valor de 500 réis, as enigmáticas *Profeçias de Nostradamus*, em “hum tomo em outavo de pasta que foi visto e avalliado em 100 reis”²⁰, a obra de Augustin Calmet *The Phantom World* em um tomo avaliado em 1.800 réis e os dois volumes em quarto de *Dom Quizote de la Manxa*, de Miguel de Cervantes, avaliados em 800 réis.

Da Antiguidade Clássica surgem autores como Marco Túlio Cícero, com a referência à existência de quatro tomos, não descritos e avaliados em 10.000 réis, dois tomos em oitavo de Ovídeo, não descritos e avaliados em 300 réis, um exemplar de Caio Suetónio (não descrito, mas que se reportava provavelmente à sua obra *Vidas dos Doze Césares*) avaliado em 120 réis, a *Naturalis Historia* de Plínio, avaliada em 4.800 réis e a *De Matematica* de Euclides, avaliada em 2.400 réis.

16 Biblioteca Municipal de Castelo Branco (BMCB), *Inventario do Bispo da Guarda e Castelo Branco D. João de Mendonça*, s.f.

17 Biblioteca Municipal de Castelo Branco (BMCB), *Inventario do Bispo da Guarda e Castelo Branco D. João de Mendonça*, s.f.

18 Biblioteca Municipal de Castelo Branco (BMCB), *Inventario do Bispo da Guarda e Castelo Branco D. João de Mendonça*, s.f.

19 Na listagem dos livros inventariados existem alguns lapsos: em algumas descrições, ou se refere apenas o nome do autor e o número de volumes da obra, ou então apenas o nome da obra com o respectivo número de volumes. Por estes motivos, em alguns casos é praticamente impossível identificar a obra em causa.

20 Biblioteca Municipal de Castelo Branco (BMCB), *Inventario do Bispo da Guarda e Castelo Branco D. João de Mendonça*, s.f.

O espólio justificaria plenamente uma detalhada descrição pelo seu notável conteúdo, para definição da *persona* que foi D. João de Mendonça: entre muitas outras obras que ficam por nomear, encontram-se listados outros exemplares que o bispo, como já referido, teria adquirido durante a sua estadia em Roma, e que certamente terão tido influência determinante na sua formação intelectual e gosto estético: a obra *Homo Symbolicus* de Octavius Scarlatinus, avaliada em 1.600 réis, os dois tomos da *Roma Subterranea novissima*, de Pauli Aringhi avaliados em 4.000 réis, o livro *Siria Sacra* de Biagio Terzi avaliado em 1.200 réis, assim como também três livros relativos às *Arte Grega*, *Arte Hebraica* e *Arte Franceza*, avaliados num total de 600 réis. Neste contexto, e por fim, há a destacar a presença do neoplatónico Marsílio Ficino, com a referência à existência de três obras deste autor, não descritas e avaliadas em 3.600 réis.

Desconhece-se, até ao momento, se a *Biblioteca* de D. João de Mendonça ainda existe e permanece completa com os seus herdeiros, como foi a sua última

vontade. O condado de Vale de Reis foi agraciado, em 1862, com o ducado de Loulé, mas não se sabe o que terá acontecido em concreto com os bens da família, ou após o grande terramoto de 1755, ou durante e após a implantação da República. Várias tentativas de contacto foram estabelecidas com os descendentes dos duques de Loulé, no sentido de se tentar deslindar se ainda existirá espólio remanescente, mas até ao momento não foi obtida qualquer resposta. No entanto, para além de todo o legado referido anteriormente, a ter-se conservado a vasta *Biblioteca*, seria uma mais-valia para um estudo mais fundamentado do nível de erudição dos bispos deste tempo e da expressividade que esta teve nas suas vidas e obras, e particularizando D. João de Mendonça, para a análise do impacto da experiência dos três anos que passou em Roma, enquanto bispo assistente do Sólido Pontifício: no extenso *Título da Biblioteca*, também se encontrava o manuscrito *Jornada do ilustríssimo Bispo Dom João de mendonça que foi para Roma*, em um tomo que foi avaliado em 200 réis, que muito valeria para a historiografia eclesiástica se ainda existisse.

BREVES NOTAS CONCLUSIVAS

Percorrer e analisar os 178 fólios que compõem o *Título da Biblioteca* de D. João de Mendonça é perceber que a um homem religioso, nestes tempos, era exigido um entendimento basilar da existência humana, na sua dualidade entre matéria e espírito. Embora doutorado em Cânones, D. João de Mendonça pautou-se por uma peculiar curiosidade pelas mais variadas temáticas, revelando uma visão cosmogónica assente na *veritas* cristã. A profunda estima que este bispo tinha pelos seus livros – a alfaia mais preciosa da sua casa – revela-nos uma renovada concepção decorrente dos decretos tridentinos, na qual ao prelado se exigia o conhecimento que faria germinar a semente da doutrina cristã nas almas dos súbditos; na qual deveria ser a imagem do verdadeiro discípulo de Cristo traçado por Trento; na qual deveria ser aquele que estabeleceria a ponte com a realidade supraterrena e aquele que a tornaria visível aos olhos dos homens; na qual deveria ser aquele que revelaria aos súbditos a *Jerusalém*

Celeste, na sua pessoa e na sua obra, conduzindo-os à salvação eterna.

Os livros, enquanto cerne para um escrupuloso cumprimento da função apostólica e enquanto reflexo da erudição de um bispo, mostram, em última análise, não apenas a espiritualidade dos tempos pós-Trento, mas também o intelecto e a sensibilidade do homem que assumia o cargo de prelado. Embora a influência do tio de D. João de Mendonça, o arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Teles, na conduta pessoal e pastoral do primeiro seja inquestionável, D. João diferenciou-se por um imaginário – claramente patente nos conteúdos da sua *Biblioteca* e, também, no vasto e restante património –, marcado por um profundo humanismo cristão, mundividente e que materializou no projecto dos Jardins do Paço Episcopal de Castelo Branco, após o seu regresso de Roma. Ter-se-á certamente inspirado no exemplo que o seu tio, D. Rodrigo,

deixou patente no Bom Jesus do Monte (Braga), mas enquanto que, neste último e em linha com as conduta e devoção pessoais de D. Rodrigo, se exigia a purga de tudo o que era humano como condição *sine qua non* para a salvação da alma, o discurso visual e espiritual do Jardim projectado por D. João de Mendonça exaltou, por sua vez, virtudes humanas como a

inteligência, que o bispo ampliou exponencialmente pelo conhecimento que sorvia da sua vasta biblioteca pessoal. Foi o seu profundo afecto pelos livros que lhe elevou o espírito na orientação dos seus súbditos à visão do que era eterno – mostrando-se, afinal, não apenas como *pastor de almas*, mas como verdadeiro *pastor de homens*.

REFERÊNCIAS

FONTES MANUSCRITAS

Biblioteca Municipal de Castelo Branco (BMCB), Inventário do Bispo da Guarda e Castelo Branco
D. João de Mendonça, cota B.B. 2735.

BIBLIOGRAFIA

ANÓNIMO – *Breves noções para determinar o formato dos livros etc. por um empregado da Bibliotheca de Evora*. Évora: Minerva Eborense, 1890.

GARCIA, Luís Pinto – *D. João de Mendonça – O Estudioso e o Coleccionador*. Castelo Branco: Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, 1978.

MENDES, Maria do Carmo R. – “A Livraria do Convento de São Francisco da Covilhã. Entre a extinção e a actualidade”. *Invenire*, 6 (2013), 35-37.

MENDES, Maria do Carmo R. – *A Palavra da Imagem: ideologias, funções e percepções na linguagem pictórica barroca em Portugal (A Diocese da Guarda 1668-1750)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2016. 2 Vols. (Tese de doutoramento).
Em: <http://hdl.handle.net/10451/26297>.

PAIVA, José Pedro – *Os Bispos de Portugal e do Império (1495-1777)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

SILVA, Pedro Rego da – *A Colecção de Pintura de D. João de Mendonça – Um Primeiro Olhar*. Ladoeiro: Associação do Rancho Folclórico do Ladoeiro, 2014.